



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Regina Teresa Batel Celestino

**Pós-verdade e a importância da Filosofia na educação e no
letramento midiático para o combate das *Fake News*.**

Seropédica - RJ
2021



REGINA TERESA BATEL CELESTINO

**Pós-verdade e a importância da Filosofia na educação e do letramento
midiático para a prevenção das *Fake News*.**

TCC apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
graduação em Filosofia na modalidade de
Licenciatura, sob a orientação da Professora Dra. Liliâne Barreira Sanchez.

.....

SEROPÉDICA – RJ
Dezembro de 2021

Agradecimentos:

Agradeço a todos os professores que lapidaram minha vida e conhecimentos ao longo de toda minha caminhada. Desde minha criação de mãe e tia professoras, na creche, no ensino médio no IE Rangel Pestana na formação normalista, onde me encontrei no conceito de humanização (Paulo Freire) e que, mesmo diante de todas as lutas que rolavam com greves e reivindicação de direitos e valorização docente, nunca me fizeram perder o gosto e a admiração pela profissão do magistério, até na graduação. Graças a vocês e a toda inspiração que me passaram, escolhi ser professora e, assim, escolhi estudar Filosofia e Educação.

Não tenho como deixar de agradecer, apesar de todos os problemas contra, o governo do ex presidente Lula e o ex ministro da educação, Fernando Haddad, com o projeto REUNI. Por terem aprovado diversas reformas que favoreceram o crescimento da educação no país, favorecendo o acesso ao conhecimento para todos, dando oportunidades para mim e a tantos colegas que conheci de ingressar na faculdade.

À paciência, atenção e carinho, em especial, da Professora Liliane Sanchez e do Professor Fernando Bonadia, para me guiarem nesta pesquisa. E a outros Professores como Rodrigo Brito, Robinson Guitarrari, Francisco Moraes, Fernando Gouvêa de Sociologia da Educação, Renato Nogueira, Bruno Bahia, Sandra Regina Leite do CTUR e da Residência Pedagógica.

Aos meus colegas e amigos de Curso, que me acompanharam nessa saga e que sempre levarei comigo com um carinho especial, Pedro Júlio, Pedro Xavier, Thayanne Basilio, Cintia Matias, Denizard Custódio, Camila Souza, Lucas Oliveira, Nicole Coelho, Paola Benvenuto, Silvio Arcanjo (melhor monitor de lógica) e todo mundo com quem troquei tantos conhecimentos empíricos dentro do movimento estudantil surgidos através do DAFIRJ e CAFIL.

A meus melhores companheiros de República Sarah Bastos, Thayná Alves, Olivia Zen e Eduardo Cruz.

Agradeço ao meu namorado, querido João Fernandes, por me apoiar.

Agradeço à minha terapeuta, Samara, que me deu muita força para trabalhar minha cabeça para eu conseguir concluir este TCC em uma pandemia.

Agradeço a UFRuralRJ por ter sido como uma mãe-Gaia em minha vida.

E, por último, mas, não menos importante, agradeço a mim mesma por ter decidido não desistir.

“Das duas uma: deve-se filosofar ou não se
deve filosofar; mas, para negar a necessidade
do filosofar é, ainda assim, preciso filosofar. ”
(Aristóteles, Protréptico)

RESUMO

A Filosofia na educação em tempos atuais, elencada como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, veio cumprir seu papel em relação à formação cidadã, à autonomia e ao senso crítico. Nesse mesmo cenário, as tecnologias se impõem como grandes aliadas das ferramentas educacionais, informativas e de pesquisa. O contraponto disso é o acesso exacerbado a conteúdos manipulados e apresentados como “verdades”, com as mais diversas formas de intenção de desinformação. A era da pós-verdade é base fundamental para o grande fenômeno das *Fake News* se propagar no mundo virtual e se tornar uma ferramenta válida para propósitos ideológicos e políticos. Este trabalho de conclusão de curso busca investigar sobre a pós-modernidade e a relativização da verdade, focando nos efeitos que as notícias falsas exercem sobre a formação cidadã e enfatizando a importância do sujeito discente ser formado no constante exercício da reflexão crítica para lidar com esses fenômenos das *Fake News* e da pós-verdade. Consideramos, assim, que a Filosofia e a educação midiática poderiam ser uma via para estimular e promover o exercício reflexivo crítico, contribuindo para realizar uma compreensão necessária do contexto contemporâneo.

Palavras chave: Pós-verdade, *Fake News*, Filosofia da Educação, falácias, educação midiática, sociedade do cansaço

ABSTRACT

Modern time's Philosophy, listed as a obligatory subject in High School's curriculum, has a fundamental role in the development of citizenship consciousness, autonomy and critical sense. In this scenario, technology may work as an ally of research, informative and educational tools. On the other hand, manipulated content falsely displayed as "the truth" are easily accessed and shared with various intents of dis-information. The Era of Post-Truth is a fundamental base to spread the phenomena of *Fake News* in the world wide web and to become a valid tool for political and ideological purposes. This work aims to investigate about post-modernity and the relativization of the truth, focusing on the effects these *Fake News* have on the formation of the citizen and enhancing the importance of the constant exercise of critical reflection and mediatic education of students for the better understanding of *Fake News* and Post-Truth. We consider that Philosophy can be a possible way to stimulate and promote such reflexive exercise, contributing to the necessary understanding of the contemporary context.

Key-words: Post-Truth, *Fake News*, Educational Philosophy, untruth, mediatic education, The Burnout Society

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. O movimento da busca de conhecimento nos indivíduos.....	12
2.1. A busca da verdade na era da (des)informação e da Pós-verdade.....	14
2.2. Consequências da era digital, a saúde mental e intelectual.....	17
2.3. <i>Fake News</i> e a política da manipulação das ideias.....	23
3. A importância da filosofia e/ou uma educação filosófica no ensino básico para a formação do pensamento crítico.....	26
4. Ferramentas linguísticas e filosóficas para combate das <i>Fake News</i> e desinformação na era da pós-verdade.....	32
4.1. Estudo da Lógica para identificar <i>Fake News</i> em argumentos falaciosos.....	32
4.2. A importância do letramento midiático para identificar e prevenir a desinformação.....	38
5. Considerações finais.....	46
6. Referências bibliográficas.....	48

1. INTRODUÇÃO

A busca do conhecimento é algo que é inerente ao ser humano, que é, por si só, um experimentador, organizador e entendedor de ideias e criador de teorias. Assim, conseguiu definir diversas coisas, como a divisão dos extremos entre bem e mal, medo e coragem, justo e injusto, certo e errado, dentre outros conceitos. A busca do bem e da verdade sempre foi uma dessas inquietações a qual grande parte dos Filósofos dedicaram seus pensamentos, na vontade de justificar de forma segura coisas simples, como o porquê de certas coisas acontecerem e como acontecem. Um dos grandes impasses que surgem no campo epistemológico é o devir das coisas, ou seja, a capacidade inerente que há de mutabilidade em todas as coisas. Esse fator interfere de forma significativa na busca de uma explicação concreta e previsível das coisas e dos fenômenos, já que estamos sempre buscando explicação por conta desse nosso espírito investigativo. Às vezes, se alcança uma conclusão sobre algo, porém, tempos depois, ela pode vir a ser contra-argumentada e transformada por meio de uma refutação, até mesmo no campo científico.

Todo o conhecimento sobre algo começou a partir de um exercício filosófico de observação e interação e, assim, fomos construindo nossos conhecimentos ao longo da história. Por muito tempo justificavam-se os fenômenos e movimentos da natureza por meio de mitologias que envolviam a vontade de deuses supremos nos ciclos da natureza. Daí, vieram os filósofos naturalistas, como revolucionários, rompendo com a visão mítica e religiosa, trazendo uma visão mais racional para entender e explicar os fenômenos. A crença em um mundo metafísico das ideias, vinda logo em seguida com o Platonismo, ainda na antiguidade, durante muito tempo inspirou diversos pensadores. Depois, acontecimentos políticos fizeram substituir aquilo que eles tinham como razão, o mundo das ideias de Platão e até mesmo o motor imóvel de Aristóteles, pela existência de um Deus cristão soberano na Idade Média (fé). Isso por implementação estabelecida por um dos poderes políticos soberanos da época, que era o Clero. Já na Modernidade, a história também foi mudando, a igreja foi enfraquecendo seu poder e, com isso, enfraqueceu também a dominação de seus dogmas e teorias sobre a produção de conhecimento, permitindo maior liberdade de expressão para pesquisas, para o

ensino independente dos interesses das doutrinas da fé cristã, valorizando, assim, a razão, o antropocentrismo e também trazendo muitas descobertas científicas. A partir disso, mais áreas de estudos foram criadas da modernidade para a contemporaneidade.

Mesmo com todos os problemas históricos que podemos lembrar, nas nossas experiências como humanidade ainda encontramos líderes com ideais deturpados por suas ambições. Há hábitos que parecem que não mudam na sociedade, tais como a vontade de poder e de soberania. E, por conta disso, diversas ações são cometidas por líderes populares, sejam eles políticos ou comerciantes, para conquistarem a população ou fazê-la acreditar em suas ideias, para, assim, poderem conquistar seguidores, gerando com isso marcas que afetam bastante o cotidiano por conta dessas ações para se autopromoverem.

A ambição humana adultera o compromisso sincero da verdade e justiça. Mas, algumas vezes a transgressão com uma imposição ideal de verdade pode ser tida como uma busca de conhecimento ou quebra de paradigma. Desde os tempos da *Pólis* grega até o atual modelo de sociedade vigente, historicamente, temos muitos exemplos de grandes líderes que estavam à frente de governos, representando seu território com modelos de políticas de genocídios, democracias, golpes, ditaduras e colonizações. Algumas dessas estratégias, que nem sempre são transparentes ou legais, muitas das vezes podem ocorrer por meio de ludibriação, táticas que são elaboradas para a ascensão e manutenção do poder desses líderes. Alguns utilizam-se da manipulação de ideias e verdades, às vezes até baseando-se em pensadores renomados, ou no auxílio de sofistas para poderem ganhar na argumentação. Parece algo injusto, mas quem poderia julgar uma ação de um líder? “A justiça é a conveniência do mais forte” é uma famosa frase de Trasímaco, sofista representado num diálogo do Livro I da República de Platão, que retrata bem esse tipo de pensamento. Esse não é o ideal de conceito virtuoso de justiça, mas, assim é o que claramente podemos identificar na forma de governar.

Foi assim no caso da inquisição, na Idade Média, condenando, punindo e até matando todos que trouxessem pensamentos diferentes daqueles que corroboram os pensamentos teológicos. Porém, a fé cristã na qual eles se baseavam, foi interpretada de uma forma radical e intolerante, desvirtuada das qualidades piedosas, humildes e misericordiosas de Cristo. Ou ainda, como no caso da Alemanha nazista, que prezava por justiça, pelos valores da família, do cristianismo e patriotismo às custas de uma intolerância religiosa e racial contra os judeus e demais etnias, causando guerras, holocausto e milhares de mortes, que por muito tempo foram ações negadas e encobertas, mas, justificadas à época.

Agora, olhando para o nosso século histórico com a internet como um meio de relação social e de informação, algumas questões que imperam atualmente sobre nossos atos em um estado democrático de direitos são: Até onde estamos intelectualmente munidos para lidar como cidadãos com fatores de manipulação de massa em nossa sociedade informacional? Será que notamos os danos causados por excesso de estímulos provocados através das redes e das mídias? Temos consciência da construção do nosso estado mental para compactuar com *Fake News* e com ideias antidemocráticas, eugenistas, racistas, entre outras? Será que a Filosofia no ensino básico como base para uma educação midiática inserida no currículo escolar pode ser uma aliada para amadurecer nosso senso lógico e identificar através do exercício filosófico uma falácia em um argumento?

Pensando sobre essas questões, elaboramos esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que se apresenta como uma pesquisa de caráter qualitativo e filosófico, com o objetivo de investigar a importância que a disciplina Filosofia tem no ensino básico obrigatório para a formação cidadã. Como objetivos específicos, esse trabalho pretende repensar a educação nas mídias digitais, bem como os métodos e conceitos filosóficos possíveis de serem utilizados na educação básica para prevenir *Fake News* e desinformação providas da internet. Para tanto, realizaremos uma análise crítico-reflexiva das teorias e conceitos elaborados por alguns autores que nos ajudarão a desenvolver esse trabalho, tais como Matthew Lipman, Walter A. Carnielli e Byung Chul Han, dentre outros.

2. O movimento da busca de conhecimento nos indivíduos.

Conhecer algo nem sempre é garantia de que esse algo seja necessariamente verdadeiro, porém, a verdade sempre é um conhecimento. O impulso de conhecer, então, precede a verdade, pois, o ato de conhecer consistiria em aplicar nossa cognição ao objeto de investigação e na busca de uma possível verdade. Por que será que essa necessidade de investigar as coisas acontece nos indivíduos e como se desenvolve esse processo de crenças e quebra de paradigmas para a mente humana? Teóricos da epistemologia, como Jean Piaget e Vygotsky, mesmo tendo suas diferenças em suas teorias, têm em comum o trabalho de estudo com crianças sobre o desenvolvimento intelectual e mental e a gênese dos processos mentais, descartando antigas teorias que acreditavam em um desenvolvimento a partir de um acúmulo quantitativo de informações. Ambos acreditam na busca do sujeito em construir e reconstruir o próprio conhecimento por meio físico e sociocultural.

“Educar para Piaget é ‘provocar a atividade’ - isto é, estimular a procura do conhecimento. (...) Tanto para Vygotsky, como para Piaget, o aprendizado se dá por interação entre estruturas internas e contextos externos. A diferença é que, segundo Vygotsky, esse aprendizado depende fundamentalmente da influência ativa do meio social, que Piaget tendia a considerar apenas uma “interferência” na construção do conhecimento.” (FERRARI, 2008)

Marilena Chauí (2012, p.105) afirma que o desejo de verdade aparece muito cedo nos seres humanos e se manifesta como desejo de confiar nas coisas e nas pessoas, ao mesmo tempo em que é feito de pequenas e grandes decepções. Porém, já desde a infância, nós, inconscientemente, já aprendemos a lidar com o fato de que há coisas que devemos distinguir, que é a imaginação da percepção, ou seja, o real da fantasia. Acredito que as descobertas que separam o real da fantasia criam espantos e que, algumas vezes, nem sempre sabemos lidar com a quebra de paradigmas das nossas certezas ou com a consequência dos nossos impulsos.

“Por isso, quando a criança é muito sensível à mentira dos adultos, pois a mentira é diferente do ‘de mentira’, isto é, a

mentira é diferente da imaginação, e a criança se sente magoada quando o adulto lhe diz uma mentira, porque ao fazê-lo, ele quebra a relação de confiança e a segurança infantil. Se desilude quando descobre a mentira (...) Os jovens se decepcionam quando descobrem que o que lhes foi ensinado e lhes foi exigido oculta a realidade, reprime sua realidade, diminui sua capacidade de compreensão e de ação. Os adultos se desiludem ou se decepcionam quando enfrentam situações nas quais o saber adquirido, as opiniões estabelecidas e a crença enraizada na consciência não são suficientes para que possam compreender o que se passa nem para poder agir ou fazer alguma coisa. (CHAUÍ, 2012 p. 105)

Piaget, com sua teoria da epistemologia genética do desenvolvimento humano, entendia que não se pode exigir de uma pessoa que resolva problemas para os quais ainda não tenha desenvolvido a maturação necessária para entendê-los. A partir disso, ele divide as fases do desenvolvimento cognitivo por estágios sequenciais, de acordo com a faixa de idade:

- Sensoriomotor: 0 a 2 anos – conhecimento do mundo através dos sentidos, ações e movimentos.
- Pré-operatório: 2 a 7 anos - aprende a falar, a capacidade de pensar simbolicamente e intuitivamente.
- Operações concretas: de 7 a 11 anos – Já é capaz de fazer operações de classificação e seriação apenas com o estímulo concreto.
- Operações formais: dos 11 anos em diante – Já é capaz de formular ideias e hipóteses abstratas sem a necessidade do estímulo concreto.

Desde muito cedo os indivíduos lidam com o impulso exploratório dos sentidos em busca de conhecer e interagir com o mundo. Na infância, o sujeito interage com o ambiente através das informações abstraídas das experiências sensíveis, provocando sua adaptação a esse meio. E juntamente com suas estruturas mentais cognoscíveis somadas a essas experiências sociais e interativas resulta um processo de construção do conhecimento do seu meio. Quando saí da infância, o sujeito já adquire capacidades plenas de conhecer a si mesmo e as demais coisas abstratas.

Maria Sebastiana Gomes Mota descreve em seu artigo “Processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo” sobre a teoria de Piaget que o processo de construção do conhecimento se dá através da aprendizagem e do desenvolvimento da inteligência, que estão inter-relacionados e interdependentes. “A inteligência desempenha uma função adaptativa, pois é através dela que o indivíduo coleta as informações do meio e as reorganiza, de forma a compreender melhor a realidade em que vive e nela agir, transformando-a.” (MOTA, 2021, p. 8)

Em uma determinada fase de nossas vidas conseguimos entender que quase tudo que existe pode ser explicado por uma área de estudos específicos. “A Filosofia, a arte, a religião e a ciência figuram entre os principais componentes intelectuais do nosso mundo.” (HEGENBERG, 1968, p. 24). Podemos, então, como sujeitos, ter nossas opiniões políticas, econômicas, religiosas e filosóficas, mas não podemos deixar de ignorar fatores científicos para verificar/validar nossas crenças. Para algo ser considerado um conhecimento científico requer um processo mais investigativo, que envolve métodos de experimentação e refutação. Com isso, desenvolvemos esquemas de investigação através de estudos mais avançados sobre esse algo, para conferir sua veracidade através da metodologia científica: Observação, elaboração do problema, hipótese, experimentação, análise e conclusão.

A era em que vivemos atualmente com acesso rápido a informações tanto verdadeiras, quanto manipuladas, como teorias da conspiração, propagandas entre outros, mudou a forma de validação dos conhecimentos, mudou a condição psicológica das pessoas para lidarem com essas transformações que afetam nosso estilo de vida e, quando se trata de um universo virtual, mudou até a forma de comunicar, ler, escrever e interpretar. A partir de uma análise sobre a pós-verdade e tecnologias, podemos nos debruçar sobre essas e várias outras reflexões das novas formas políticas, mercadológicas e exploratórias dentro dos sistemas de produção em um cenário de desigualdade instaurado nas sociedades e próprio da estrutura capitalista.

2.1. A busca da verdade na era da (des)informação e da Pós-verdade.

Pós-verdade é um termo oficialmente criado em 1992 por um dramaturgo sérvio-americano, Steve Tesich, num ensaio para uma revista denominada *The Nation* e referendado depois, em 2004, com a publicação do livro *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. Mas, só em 2016 popularizou-se mundialmente através do jornal britânico *The Economist*, em seu artigo “Arte da mentira”. Porém, para além dessa definição conceitual contemporânea, um artigo publicado na revista *Nova Escola* por Laís Semis em 2018, chamado “Guia do letramento midiático: como identificar e combater desinformações”, informa que ainda em 44 a.C., a República Romana passou pelo que é considerado pelo relatório “A short guide to the history of ‘Fake News’ and disinformation” (em tradução livre: “Um guia rápido sobre a história das notícias falsas e desinformação”), do International Center for Journalists (ICFJ), como a primeira notícia falsa registrada. Uma das figuras políticas da época, Otaviano, travou uma guerra de propaganda política contra seu rival, Marco Antônio, gravando em moedas frases que mancharam a reputação de seu adversário.

Nos tempos atuais, a tecnologia se faz presente em grande parte da vida das pessoas, em troca de mensagens e de informações, bem como na busca de conhecimento. O celular se tornou um instrumento indispensável do dia a dia para diversas funções, e uma delas é o recebimento de mensagens com notícias e informações diversas, que não ocorrem apenas pelo celular, mas também pelo computador, tablet, TV, Rádio, outdoors e até de forma oral, através de outras pessoas. O tempo todo os sentidos são alvejados de informações. Os usos do celular envolvem além de relações pessoais, as funções do trabalho de instituições ou projetos coletivos, sendo usado também como fonte de pesquisas. Assim, atualmente, as informações são distribuídas ou compartilhadas de forma muito mais rápida e acessível, através das mensagens nos ambientes virtuais e nas redes sociais.

A criação do conteúdo da internet é livre, podendo qualquer pessoa falar sobre qualquer assunto, sem necessariamente ter que provar embasamento para justificar suas afirmações. Sendo assim, muitos tipos de informações

podem se propagar. Sátiras, notícias, propagandas, citações, exposições (*Exposed*), mitos ou *Fanfics* podem ser criadas livremente no contexto virtual. Muitas vezes essas criações chegam aos consumidores desses conteúdos sem eles nunca terem ouvido falar antes dos temas abordados, criando um ambiente também perigoso para a disseminação da desinformação.

Há três problemas nessa realidade que gostaríamos de destacar sobre a maioria dos consumidores de conteúdos da internet:

1. A necessidade de formação ética, lógica e interpretativa dos indivíduos para a criação, consumo e disseminação de conteúdo em mídias digitais.
2. A falta de iniciativa dos usuários em validar a veracidade dos conteúdos antes de compartilhar certos tipos de informações recebidas, que podem variar, seja pela falta de interesse ou pela condição de saúde mental.
3. A dificuldade de leitura de mídias digitais e a falta de oportunidades de acesso ao mundo virtual não possibilita, de fato, a democratização da sociedade.

Existem as fontes seguras de internet, com conteúdos criados com responsabilidade de profissionais da comunicação. O que muitas vezes aparenta ser uma fonte segura de informações são os sites jornalísticos. O trabalho dos jornalistas é trazer a informação com exclusividade e responsabilidade de um especialista, que é o que garante sua veracidade. Mas, deveríamos além de saber identificar esses sites confiáveis, pensar também para quem, por que e a qual público esses meios jornalísticos de informação estão servindo, bem como observarmos os termos e as palavras que usam para descrever determinadas coisas.

Outro elemento que pode aparentar não ser uma fonte de informação segura são os sites e plataformas feitos por pessoas criadoras de conteúdos, que repassam informações sem embasamento ou conhecimento dos temas. Ambos os meios de comunicação prezam pela exclusividade, alcance e rapidez das informações, muitas vezes incorrendo no risco da falta de tempo para avaliação dos fatos.

Quando acordamos, olhamos a hora no nosso dispositivo tecnológico multifuncional de acesso a mensagens e notícias (celular) e, sem nem ao menos termos saído de casa ou falado com alguém antes, já somos guiados a olhar para um mundo das ideias coletivas virtuais (redes sociais), no qual todos participam com ‘curtidas’, comentários e visualizações, afirmando, assim também, suas existências e interação com seus cadastros de perfis. Por mais absurda que seja a informação, o impacto das reações, visualizações e comentários, até mesmo para criticar o que não concordamos, criam o fenômeno de engajamento dessas ideias, tornando-as muitas vezes mais relevantes do que a própria verdade. E é aí que também precisamos ter cuidado, pois criadores de conteúdo e jornalistas ganham por engajamento de seus conteúdos mais do que com o compromisso com a veracidade dos mesmos.

Quando se trata de troca de informações, as redes sociais são uma das maiores transmissoras. Impossível não nos deixarmos afetar por uma notícia de teor impactante, de proporção macro, que pode atender aos interesses daqueles que podem estar investindo em seu impulsionamento. Assim, as informações também podem estar vinculadas a bolhas informacionais. Essas bolhas são constituídas por pessoas que possuem a mesma visão de mundo, valores similares, opinião política e senso de humor em idêntica sintonia. Isso se constitui em um ambiente ideal para a proliferação de memes e de trolagem, esta última uma espécie de trote que visa levar as pessoas a tomarem a sério uma brincadeira enganadora até o ponto de se sentirem lesadas, quando se comprova a funcionalidade da trolagem (*Trolls*). Esses tipos de humor com propósito de enganar são peças fáceis para se tornarem virais, especialmente porque empregam como coadjuvantes imagens, legendas e chamadas sensacionalistas. (WILKE, 2018)

2.2 Consequências da era digital para a saúde mental e intelectual.

Diante de todo esse alto estímulo de informações e da dependência de estarmos permanentemente conectados com os dispositivos, praticamente se tornando parte biológica dos seres, podem-se desencadear alguns outros

problemas, que podem vir a se relacionar com o processo de aprendizagem. Podemos ver isso relatado na pesquisa do artigo de Valéria Wilke, da UFRJ, intitulado “Pós- Verdade, *Fake News* e outras drogas, vivendo em tempos de informação tóxica”. A autora usa como referência para falar das consequências geradas pelo excesso de informação, estudos do Físico catalão, Alfons Cornellá, que elaborou, em 1996, o conceito de infoxicação. Trata-se de um conceito criado a partir da junção dos termos informação e intoxicação, para denominar a situação decorrente do excesso de informação que paralisa, adoece, cria ansiedade e borra as fronteiras entre o ler e o entender. Sob o domínio da “infoxicação”, os indivíduos conectados tentam receber, processar e analisar diariamente um quantitativo de informação exponencialmente maior do que seu organismo é capaz de acessar. Afetados pela overdose informacional, eles são assediados, corriqueiramente, por informações disponibilizadas por diferentes mídias, plataformas e redes sociais. Wilke cita também que a “infoxicação” está, nesse sentido, relacionada à *Síndrome da Fadiga Informativa* (BIRD, 1997), tal como estabelecido pelo psicólogo David Lewis, que ressaltou que a overdose de informações gera fadiga, cansaço, irritabilidade, distúrbios de sono, problemas gástricos, dificuldades de memorização, e pode ainda favorecer doenças psíquicas, como a depressão, síndrome do pânico, transtorno da ansiedade, dentre outras, e esgotamento físico e mental. Muitas dessas problemáticas também se relacionam ao medo de uma exposição negativa e do vazamento de informações pessoais.

Michel Foucault, refletindo sobre a condição da vigilância e exposição às quais estamos submetidos na sociedade moderna (ainda pré-informatizada), em sua obra intitulada “Vigiar e punir” (1975), analisou a arquitetura do panóptico, termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785, que visava melhorar e facilitar o sistema de controle e vigilância, criando uma estrutura arredondada composta de várias celas, em que, no meio, ficava uma cabine de vigia, que, dali daquele ponto de vista central, tinha a visão de todas as outras celas. Essas celas tinham duas janelas, uma dentro, virada de frente para os vigias e outra atrás, onde a claridade externa do dia pudesse ultrapassar as duas janelas, deixando visível a atividade dos presos dentro de suas celas, gerando,

assim, um processo inibitório de suas ações dentro do espaço em que estavam presos, por receio de estarem sendo vistos. E o ponto central de frente para as celas onde ficava a guarita do vigia era adaptado, de forma a que os presos não tivessem certeza se estavam sendo vigiados ou não a cada momento.

Segundo Foucault, o método do panóptico foi incorporado além das prisões, sendo observada estrutura semelhante em modelos de sala de aula, manicômios, e, ousamos aqui apontar também os artifícios mais contemporâneos, como as câmeras de segurança em espaços públicos. Dentro do contexto das redes, o método do panoptismo já se estabeleceu e já encontra sua existência estabilizada. E, diferente do modelo antigo arquitetônico das celas de prisão, que eram involuntários, o panoptismo acontece de forma voluntária nos indivíduos a partir do momento em que:

1. Temos a certeza da submissão da população civil aos poderes políticos para o estabelecimento de um modelo de ordem social criado por eles.

2. A tecnologia da informação e comunicação cumprem o papel da vigilância com essa característica panóptica, a partir da voluntária adesão e participação das pessoas como usuárias de perfis virtuais nas redes.

O segundo item citado acontece devido aos bancos de memória virtuais que cada indivíduo tem disponíveis para o armazenamento de seus dados, como por exemplo os perfis nas redes sociais. Neles, cedemos nossas informações pessoais por vontade própria de ter visibilidade, atenção e mostrar para os demais amigos virtuais coisas interessantes do dia a dia, como *selfies*, localização, gostos musicais, informações de trabalho e estudo e pelas nossas preferências a partir de conteúdos que acessamos. Esse estado de vigilância voluntária nas redes, cercado de interação e socialização, na verdade, se torna uma dependência com riscos. As redes sociais assim se tornam mediadores das relações humanas, regulando aspectos de nossas vidas, adicionando ou ocultando informações factuais ou não sobre nós. Um fato cotidiano que reproduzimos é o costume de trocar de redes sociais para poder, assim, além de servir como uma via de comunicação entre as pessoas, servir também para olhar o perfil delas, buscando conhecê-las, criar afinidades ou observar suas preferências.

O extremo da obsessão por conhecer uma pessoa é chamado de *stalking*, que é um cibercrime, porém, muitas vezes é usado como eufemismo pelas pessoas para dizer que “olhou o perfil de alguém numa rede”. O interesse em dados e informações pessoais também pode servir para empresas de marketing e propagandas direcionarem produtos para consumo durante a navegação em sites, aplicativos e redes, de acordo com as preferências dos indivíduos como consumidores. Entende-se que essas formas de conhecimento e de relações estabelecidas entre os indivíduos na vida real e em seus perfis virtuais são bastante contrastantes. Há um processo forte de padronização das pessoas apenas como perfis, que afeta e deixa difusa a forma de conhecer as pessoas em suas potencialidades reais. Por exemplo, postagem de imagens editadas, *Feeds* produzidos, frases de efeito e afins. Assim, a autonomia do processo de conhecimento livre do sujeito na interação da vida real se perde frente à possibilidade de uma rápida análise sobre o seu perfil online, que pode ficar sujeito a adulteração e informações. E diante de um contexto de uma realidade virtual, onde há potencialidades desinformativas como as *Fake News*, estamos sujeitos a sermos vítimas de informações falsas, o que coloca em risco a reputação das pessoas, tornando-as vítimas de *Haters* e de cancelamentos.

“Ao mesmo tempo em que alguns buscam expor sua felicidade na internet, imaginam também se sentir vítimas da possível veiculação de notícias falsas sobre si. A mera impressão já dá um salto na opinião que fomenta o ódio, agredindo e estabelecendo na rede mundial de computadores um verdadeiro campo de batalha.” (CAJÚ, 2017 p 8)

Nas obras de Byung Chul Han, “Sociedade do cansaço” (2010) e “Sociedade da transparência” (2012), se aborda a visão de uma sociedade do desempenho, que traz uma revista do panóptico de Foucault. Segundo Byung Chul Han, nós não estamos mais na sociedade disciplinar, mas em uma sociedade do desempenho. Isso significa que somos uma sociedade do excesso, da multitarefa, da positividade, da autocobrança e autoprodução. Assim, deixamos de ser sujeitos da obediência por conta de uma vigilância

externa direta sobre nós, para termos uma falsa sensação de liberdade, pois, a cobrança passa a ser dos próprios sujeitos, internalizada por eles sobre eles mesmos.

A análise de Foucault sobre a vigilância tinha uma relação forte com a negatividade sobre o que não se deve fazer, desenvolvida a partir de táticas para repressão de comportamentos e a partir da vigilância. Porém, agora no lugar da proibição, regra ou mandamento, está a obrigatoriedade da iniciativa, de se ter projeto e motivação. E essa expectativa gerada sobre as mentes que visam seu próprio desempenho dentro de uma servidão voluntária do mundo virtual produz depressivos e fracassados, o que justifica o crescente número de transtornos como TDAH, depressão, síndrome de burnout e transtornos de personalidade. A vigilância agora se torna possível pelas informações pessoais compartilhadas na internet, por meio dessa nova forma voluntária de participação que as redes sociais nos oferecem. Na obra “Sociedade da transparência”, que nada mais é do que uma sociedade da desconfiança, no contexto do uso das redes sociais, Byung Chul Han afirma que são ditadas as nossas formas de relacionamento, pois, agora buscamos necessariamente uma análise do perfil virtual das pessoas para a validação delas. Sendo que o que expomos na internet sobre nossa vida pessoal é selecionado para criar uma imagem que gostaríamos de ter e que não é necessariamente a vida real. Como o exemplo citado anteriormente, o uso de filtros e edição de fotos, *feeds* elaborados, mensagens de positividade, ostentação, dentre outros, gerando assim uma manipulação da própria imagem para se adaptar a um padrão exposto como bom e ideal, de acordo com o grupo social ao qual se deseja pertencer.

Assim, a teoria da violência de Baudrillard está perpassada de refutações argumentativas, porque busca descrever imunologicamente a violência da positividade ou do igual, do qual não participa nenhuma alteridade. Assim, ele descreve: “É uma violência viral, aquela da rede e do virtual. Uma violência da aniquilação suave. Uma violência genética e de comunicação, uma violência do consenso. Essa violência é viral no sentido de não operar diretamente através de infecção, reação em cadeia e eliminação de todas as imunidades. Há um

parentesco secreto entre virtualidade e viralidade.’ (HAN, 2012, p. 17)

Wilhelm Reich foi um psicanalista e psiquiatra muito usado nas reflexões dos estudos de teoria psicopolítica e terapia filosófica. O trabalho elaborado por um grupo de alunos do Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹, intitulado “Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da *fakemind*: sobre a terapia filosófica da peste emocional”, aborda a volta da biopatía conhecida por peste emocional. Reich buscava estudar uma resposta que justificasse o comportamento distorcido antissocial e destrutivo dos humanos, lançando assim uma obra chamada psicologia de massas do fascismo. Ele dizia que todos os impulsos destrutivos dos seres humanos são criados por conta de um encorajamento, que provém de frustrações do amor, da sexualidade e das expressividades naturais. Cria-se, assim, uma biopatía, que se manifesta socialmente nas vidas desses reprimidos indivíduos neuróticos. Entende-se por biopatía a classe de doenças que acometem o organismo vivo pela distorção de suas funções biológicas naturais. Psicologicamente, as questões de adaptação a regras morais e civis patriarcais autoritárias nesses indivíduos, acabam tornando-os mesquinhos, egoístas, perversos e criminosos, fazendo com que ajam ocultados por uma camada de “verniz social” (termo usado por Reich), através do qual as pessoas escondem os sentimentos distorcidos atrás de aparência educada e generosa, moralmente preocupada com questões sociais, como combate à corrupção, defender os costumes, deter o mal, educar, fazer justiça, e coisas do tipo. Mas, na verdade, eles carregam um ódio a tudo aquilo que contrasta ou coloca em ameaça o seu encorajamento, como qualquer tipo de demonstração de prazer e felicidade, movimentos progressistas culturais ou políticos, debate sobre sexualidade, espontaneidade, ou mesmo quaisquer comportamentos diferentes dos deles são entendidos como afrontas. Assim, esses organismos combatem qualquer expressão que contradiga ou se diferencie da maneira como eles concebem a realidade e

¹ Jéssyka Sarcinelli Cáo, Ana Christina Saraiva Iachan, Estelita Oliveira de Amorim Ouriques, Juliana Wähner, Marina Sant'Anna Vergara, Renata Cesar de Oliveira e Evandro Vieira Ouriques.

acreditam que a vida deva ser. Muitas vezes, mentes dominadas pela peste emocional podem ser preconceituosas, agressivas, impiedosas, intolerantes. Reich fez sua pesquisa na época do fascismo alemão e seu objetivo era entender se os humanos tinham ou não a propensão natural a serem perversos.

Já no contexto de uma era informacional, o que poderia justificar a falta de interesse ou de iniciativa de algumas pessoas na busca de validar as informações que circulam na internet? Pessoas acometidas pela peste emocional podem ver numa *Fake News* um modo de validar suas deturpações e, assim, podem vir a evitar a revisão da informação por sentirem que ela os considera corretos em suas formas de ver e agir no mundo. O avanço das *Fake News* pode ter a ver com o fato de indivíduos com a biopatia criarem suas próprias conspirações, desprezando ou articulando contra as evidências que provam que as informações que eles acreditam sejam falsas. Isso acontece bastante no campo político atual, em que vemos um candidato que representa determinada ideologia levantando uma série de notícias falsas sobre seu adversário, que representa outra. Acreditar em notícias falsas é algo tão absurdo assim como são absurdos os impulsos reprimidos de intolerância e preconceito das pessoas que nelas creem.

2.3. *Fake News* e a política na manipulação das ideias.

Não é novidade que no meio político há artifícios e manobras de manipulação para promover a alienação ou o controle da opinião pública. Porém, com o uso da ferramenta das tecnologias, que conduzem e disseminam as informações em grande escala e de forma prática e rápida, elas se tornam grandes aliadas desses objetivos políticos, bem como de estratégias de mercado. Atualmente, em tempos de pós-verdade, a manipulação através das *Fake News* se mostra grande aliada principalmente de indivíduos ou instituições difusoras das teorias de conspirações e em campanhas de eleição, como ocorreu com a do ex-presidente norte-americano, Donald Trump.

Em nosso país, o presidente Jair Bolsonaro, eleito em 2019 (simpatizante declarado das políticas de Donald Trump), também em sua época de eleição esteve envolvido em escândalos de disseminação de informações falsas sobre seus opositores políticos e partidos rivais. Coincidentemente, Bolsonaro e Trump usaram a mesma estratégia de divulgação de informação conhecida como microtargeting e profiling. Essa estratégia visou ganhar vantagem sobre os opositores, se apresentando como uma opção melhor de governo para a escolha eleitoral popular, difundindo no imaginário popular infâmias sobre seus opositores. Assim, em setembro de 2019, foi instaurada a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *Fake News* no Brasil, para investigar a existência de uma rede de produção e propagação de notícias falsas e o assédio virtual nas redes sociais.

Apurar todas as informações falsas é um processo lento e não reverte por completo as consequências do impacto que causou a difusão das desinformações. Achar as fontes de impulsionamento e de investimento delas e julgá-las, também é um processo demorado e burocrático, principalmente por se tratar de crimes com envolvimento de pessoas em posição de poder. A prova disso é que ainda continuam usando a mesma tática para lidar com uma crise pandêmica causada pelo vírus SARS-COV 2, conhecido como COVID 19 ou Coronavírus, no Brasil, em 2020. Vírus esse que afetou a população em escala mundial, desestabilizando as rotinas dos trabalhadores, dos hospitais, dos médicos e cientistas e da economia global. Tal fato exigiu uma posição de sabedoria de todos os governantes do mundo para administrar a situação ainda indefinida sobre esse vírus que causou a pandemia.

Porém, constatamos que durante o processo de desenvolvimento das descobertas científicas no ano de 2020 a respeito dos cuidados e da forma de disseminação e tratamento da doença, bem como da busca pela vacina envolvendo cientistas de todo o mundo, contrastando com as informações divulgadas sobre estratégias de prevenção oficialmente elaboradas por especialistas da Organização Mundial da Saúde (OMS), havia muitas redes de informações falsas sendo divulgadas também, promovendo o caos na sociedade, por apresentarem dados contraditórios a respeito de componentes e atitudes essenciais aos cuidados para a saúde nesse estado de emergência

sanitária. Observou-se que as desinformações sobre a doença estavam partindo de vozes diretamente ligadas a representações do governo brasileiro e ao gabinete do próprio Presidente da República, gerando, assim, outra CPI, nomeada “da Covid”, para investigar as causas do Brasil ter alcançado o catastrófico número de mortos apontados nos anos de 2020 e 2021, se destacando mundialmente como um dos centros de contaminação. Com isso, houve o resgate da importância da CPI das *Fake News*, que atuaram como um grande fator para promover a desinformação no combate de medidas preventivas de contaminação e de tratamento.

Nesse sentido, desde o surgimento dessa nova era digital, muita coisa no campo jurídico requer adaptações e desperta interrogações: Como identificar, classificar e nomear os crimes de internet, por exemplo? Com o impacto causado pelas *Fake News* também não é diferente. Precisa haver uma legislação que proíba a disseminação de *Fake News* e notícias falsas. E o que pensar do líder político que, para poder se destacar e ganhar popularidade, ao invés de propor medidas ou movimentar ações para resolver problemas sociais efetivamente, precisa criar mentiras sobre os outros políticos concorrentes para poder se beneficiar e se promover? Apontamos também a necessidade de que haja controle e punições sobre esses tipos de comportamentos nocivos ao coletivo.

3. A importância da Filosofia e/ou de uma educação filosófica no ensino básico para a formação do pensamento crítico.

A característica mais relevante sobre o ensino de Filosofia é o fato de que, nessa disciplina, podemos trabalhar em sala de aula práticas de análise e reflexão e desenvolvimento de pensamento crítico reflexivo e argumentações, que consideramos elementos essenciais para ajudar a desenvolver o senso crítico de futuros cidadãos em diversas situações, tanto políticas, como sociais e até mesmo individuais. Nesse cenário de pós-verdade, a Filosofia pode ser uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento do conhecimento humano e para a prevenção e combate às *Fake News*, já que ela está historicamente relacionada à busca e investigação da verdade, desmistificando a realidade. Mas, não basta só pensar de qualquer jeito. É necessário pensar filosoficamente, o que significa um exercício minucioso de reflexão, que, por meio de teorias de pensadores de diversas vertentes filosóficas, nos ajudariam a desenvolver o costume do ato investigativo, no caso de ter que lidar com o recebimento de notícias de informações, para não se deixar enganar facilmente. Assim, por meio de estratégias crítico-reflexivas, evitaríamos cometer ações de engajamento nessas desinformações, bem como suas disseminações.

Cabe destacar que a história do ensino da Filosofia no nosso país é marcada por muitos ataques de cunho político, por parecer representar uma ameaça à forma de governar das elites conservadoras. Em 1980, vários movimentos e revoltas populares em busca da redemocratização do Brasil, que se encontrava sob o estado de uma ditadura militar, inflamaram um espírito de resgate da consciência crítica sobre questões sociais e filosóficas. Então, acompanhando mudanças referentes às transformações políticas da época, a atual estrutura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) começou a ser pensada em 1988, como forma de reorganizar o problema crescente da defasagem econômica do país. Observou-se que um dos grandes motivos desse problema na economia estava relacionado ao mau gerenciamento educacional, que ocasionava a falta de capacitação para a produtividade dos trabalhadores, ou seja, seria importante capacitá-los para

melhor servir ao mercado de trabalho. Pensou-se, então, uma forma de educação dos cidadãos com disciplinas voltadas para a formação profissional - que era de interesse do mercado - e disciplinas para a formação humana e social – que era de grande interesse de grupos e militâncias sociais atuantes na época, que eram contrários à ditadura. Ambas as áreas disciplinares são de importâncias fundamentais para a construção de uma sociedade mais produtiva e globalizada.

Contudo, só mais tardiamente é que foi, de fato, estabelecida oficialmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), já em 1996, com um estado de democracia estabelecido no país, em que a disciplina de Educação Moral e Cívica perdeu força e, aos poucos, a Filosofia e a Sociologia passaram a ser juntamente descritas com o reconhecimento de seus papéis necessários para a formação cidadã. Então, posteriormente, veio a Lei nº 11.684/08 de junho de 2008, tornando finalmente obrigatória a disciplina Filosofia no currículo dos três anos do ensino médio. A LDBEN de 1996 afirmava que os estudantes precisavam ter os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários para o exercício da cidadania.

Porém, em 2017, após o golpe de impeachment sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), foi retirada a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia e Sociologia como componentes obrigatórios do currículo, passando a figurar em uma forma diluída na área de ciências humanas e sociais aplicadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, homologada em dezembro de 2018. Tal mudança ocorreu juntamente com um projeto de reforma do Ensino Médio proposto pelo presidente interino Michel Temer, por meio da Medida Provisória 746, a contragosto de muitos professores e estudantes no país. Essa MP 746 se tornou a (Lei 13.415/2017), sendo aprovada na Câmara e no Senado, prevendo a inclusão de “estudos e práticas” de Filosofia. Foi ainda transformado em projeto de lei no senado, com aprovação em 29/04/2019, o PL 2579/2019, uma emenda solicitada em 10/07/2018, pedindo a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio.

Fora do país, principalmente em países de primeiro mundo, o investimento em Filosofia já trouxe benefícios comprovados. Matthew Lipman, educador e filósofo norte-americano, teve experiências positivas com o ensino dessa disciplina na educação básica desde a década de 1960, lecionando na Columbia University, partindo inicialmente de uma dificuldade observada no desenvolvimento do raciocínio de seus alunos. Com isso, procurou desenvolver a habilidade de raciocínio deles, particularmente através do ensino da lógica. Para difundir o seu programa “Filosofia para Crianças - Educação para o Pensar”, Lipman e a pedagoga Ann Margaret Sharp fundaram em 1974 o IAPC - *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* (Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças). Estudos recentes promovidos pela organização *Education Endowment Foundation* (FEE), fundado também por Matthew Lipman, mostrou que crianças do ensino fundamental de escolas da Inglaterra tiveram melhor desempenho em matemática e leitura após a implantação do programa *Philosophy for Children* (Filosofia para Crianças), que tinha como finalidade ensinar filosofia básica para esses alunos.

A relação da lógica com o pensar é, de certo modo, similar à relação da gramática com a linguagem. A gramática estabelece as regras que devemos seguir para falar direito, e a lógica das regras que devemos seguir se queremos pensar bem. (LIPMAN, 2001 p.64)

Partimos do princípio de que, quanto mais cedo se estimula uma criança ao pensamento crítico, melhor ela poderá desenvolvê-lo. Sendo assim, poderíamos pensar em trazer a Filosofia como disciplina obrigatória desde o Ensino Fundamental. Claro que ensinar Filosofia e todo o seu conteúdo com teorias densas para as crianças não seria o ideal, e sim uma adaptação dela para as suas realidades, explorando o universo investigativo ao nível do desenvolvimento cognitivo da criança, pois ela, por si só, é um ser bastante filosófico. Querer que uma criança possa responder apenas abstratamente o que é bom e o que é errado talvez não seja o ideal. Mas, se direcionarmos esses conceitos para elas avaliarem coisas sobre a própria realidade em que vivem, talvez consigam enxergar na prática o que é bom e o que é errado.

Afinal, as crianças crescem e o que mais ouvem das pessoas que as cercam é sobre o que podem e o que não podem fazer, sempre reproduzindo costumes e comportamentos por mera obediência, sem nem ao menos entender por elas mesmas as consequências de suas ações. Somado a isso tem o fato de que elas observam bastante o comportamento dos outros para saber se podem fazer determinada coisa ou não. E as crianças, mesmo sem entender o significado de incoerência, percebem quando ela existe. Quem nunca ouviu da boca de uma criança frases mais ou menos assim: “Eu vi João fazendo também e ninguém reclamou, por isso eu fiz”. O que fazer para explicar determinadas situações como essa?

A coerência precisa ser praticada por aqueles que a criança tem como modelo de conduta correta, ou de nada servirá o que se defende oralmente para crianças. No entanto, o melhor modo de explicar a natureza da coerência é a lógica: o que significa ideia coerente com outras ideias, com as ações. O exercício da lógica pode desenvolver nas crianças um apreço pela consistência, que é uma condição básica da integridade moral. E, ao mesmo tempo, pode desenvolver nas crianças uma consciência do raciocínio válido, de tal modo que, no caso de terem que se afastar da coerência, reconheçam que devem ter boas razões para fazer isso. (LIPMAN, 2001. p, 65).

A coerência entre nossos pensamentos e ações é algo perceptível aos adultos e para crianças. Um problema recorrente entre a relação de troca entre adultos e crianças é o fato dos adultos acharem que as crianças não têm senso de razão por serem muito jovens para desenvolverem tal cognição. Ter uma relação moral com a criança e não levar em conta que a criança seja um ser racional poderia ser considerado um ato de desrespeito. Não deveríamos comparar o raciocínio lógico da mentalidade de um adulto com uma criança, e sim criar alternativas para que a criança seja ela mesma e, assim, possa, ao invés de ser repreendida pelo adulto, ser compreendida, ser acolhida e entender que sua participação também é importante na sociedade, por isso deve ser bem orientada para tal.

Sendo assim, ensinar a filosofia para crianças é prepará-las num ambiente visando também o desenvolvimento do seu crescimento moral,

observá-las como sujeitos e estimular nelas uma educação para a autonomia, com questões autoconstrutivas e desestimular comportamentos autodestrutivos. O professor tem um papel muito importante na vida e na formação dos alunos, pois, se entende que ele seja um profissional que compreende o comportamento e os processos infantis, com a consciência que não é apenas no ambiente familiar que a criança pode aprender questões morais, inclusive porque, em algumas vezes, as crianças vivenciam problemas no ambiente familiar que podem reprimir a construção do seu senso crítico. E, conseqüentemente, os poderes públicos e a sociedade poderiam reconhecer e investir no potencial que os profissionais e o ambiente escolar têm como agentes transformadores da sociedade.

Não obstante, o professor pode ser responsável por ter deixado de propiciar um ambiente de apoio e respeito que contrabalançasse o tratamento do qual ela foi vítima no passado. Uma outra criança pode manifestar falta de imaginação ou curiosidade, devido também a um ambiente bitolante, seja em casa ou na escola. A responsabilidade do professor é criar um ambiente desafiador para que essa criança possa superar a apatia resultante do seu ambiente anterior. (LIPMAN 2001, p.211)

A socialização das crianças se torna muito importante no processo de educação moral. Grande parte do tempo da rotina delas acontece no ambiente escolar. Então, ao pensarmos que tipo de ambiente temos que criar para contribuir na socialização e na autonomia da educação moral delas, é preciso mostrar durante a convivência na própria comunidade escolar o que os outros esperam delas e o que elas podem construir em conjunto com todos os demais, para, a partir daí, avaliar junto com elas essas expectativas e construções de maneira crítica, evitando, assim, se limitar a um modo unilateral e repressivo de formação moral. E principalmente evitar aquela rude e embrutecedora retórica desenvolvida pela maioria dos adultos na relação com os questionamentos infantis, quando as crianças perguntam o porquê das coisas e recebem como resposta um simples “Porque não”, que fecham quaisquer possibilidades de diálogos. Ou seja, consideramos importante mostrar às crianças que a construção das ordens e conceitos moralizantes podem ser questionados e reconstruídos, para juntos, em sociedade, podermos

chegar a um entendimento sobre suas causas e consequências, sempre respeitando o processo de raciocínio próprio das crianças.

Respeitar o tempo do processo de formação de ideias também faz parte de uma atitude para a compreensão dos saberes e conhecimentos, tanto para as crianças, quanto também para os jovens e adultos. Muitas vezes aceitamos as ordens, afirmações e informações e nem nos damos conta sobre elas e se realmente queremos ou devemos executá-las. Considerando que vivemos em uma sociedade da aceleração da informação e da busca pelo máximo desempenho, ter um espaço de tempo onde também possamos desacelerar e reconectar-nos com nossos processos e problemas subjetivos, torna-se relevante e necessário. Nesse sentido, cabe lembrar que duas alternativas apontadas por filósofos renomados, como Platão, dizem a respeito a atitudes filosóficas necessárias para a construção do processo de conhecimento. A primeira é o ócio, que possibilita nos desconectarmos das atividades econômicas e políticas para nos dedicarmos à contemplação e à busca da verdade. A segunda é a dialética, que, na interpretação dos filósofos da antiguidade, seria um exercício crítico-argumentativo, ou seja, a técnica de discutir ideias, questiona-las e responde-las.

Ambas as ferramentas poderiam ser aproveitadas em uma proposta de aula de Filosofia para serem usadas na construção de debates de temas referentes à realidade dos alunos. Sendo assim, pode-se estimular o ócio para o desenvolvimento do livre pensamento, visando o desprendimento das formas tradicionais de transmissão de conhecimento e criando um momento de comunidade de investigação com os alunos.

Aprender a ver é habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar aproximar de si, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender a ver seria a “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito”. Temos que aprender a não reagir imediatamente (Han, Byung Chul, 2010, p.51)

4. Ferramentas educacionais e filosóficas para combate das *Fake News* e desinformação na era da pós-verdade.

Depois de discorrer sobre a importância da Filosofia para evitar a desinformação e, assim, atentar para a importância do seu ensino voltado para a lógica e a dialética, a questão que poderá surgir é: como seria esse ensino? Chamarei nossa proposta de Ferramentas Educacionais e Filosóficas como conteúdo e prática de ensino para serem usadas em sala de aula.

Quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma numa comunidade de investigação, a qual possui um compromisso com os procedimentos da investigação com busca responsável das técnicas que pressupõem uma abertura para a evidência e para a razão. Pressupõe-se que esses procedimentos da comunidade, quando internalizados, transformam-se em hábitos reflexivos do indivíduo. (LIPMAN, 2001, p 72)

Inspirando-nos na proposta de comunidade de investigação filosófica de Matthew Lipman, buscamos defender o ensino de Filosofia em suas possibilidades de estímulos à formação para a autonomia reflexiva, crítica e deliberante, como resistência ao processo de alienação ao qual estamos sendo submetidos em tempos de pós-verdade. Sendo assim, apresentaremos a seguir alguns conceitos e estratégias pensadas por nós para essa proposta formativa.

4.1 Estudo da Lógica para identificar *Fake News* em argumentos falaciosos.

Dentro da área da Lógica, antes de tratar sobre as falácias, precisamos destacar o que são argumentos, pois a falácia está em um argumento. Argumentos são coleções de afirmações em forma de premissas, que necessariamente nos permitem chegar a uma conclusão. Os argumentos podem ser bons ou maus. Argumentos bons na lógica clássica são chamados de dedutivos – que têm premissas que fazem os argumentos serem certos ou errados - e argumentos ruins são chamados de indutivos – quando ponderam a chegada a uma conclusão com argumentos fortes ou fracos.

Um bom argumento é aquele em que há boas razões para que as premissas sejam verdadeiras, e as premissas apresentam boas razões para acreditar na verdade da conclusão. (CARNIELLI, 2010 p,36)

Temos também, além dos indutivos e dedutivos, os argumentos abduativos, redutivos, e os falaciosos. A falácia se encontra, então, dentro de um argumento. São maus argumentos que não podem ser reparados. As falácias se passam por bons argumentos, criados de forma proposital, se passando por válidos com a intenção de enganar o interlocutor. As *Fake News*, como já foi citada em outro capítulo, são um termo contemporâneo para descrever notícias ou informações falsas na exposição de argumentos. Faz-se parecerem verdadeiras a partir da forma em que são estruturadas duas premissas, sendo intencionalmente formuladas e usadas unicamente como estratégias para desinformação em massa. São difundidas, em sua grande maioria, no ambiente das redes sociais.

Com base nessa definição, destacamos tipos de argumentos perigosos, descritos no livro do filósofo Walter Carnielli como a lista negra das falácias mais perigosas:

1) Falácias estruturais: São maus argumentos que ferem a estrutura dedutiva e são totalmente inválidos.

- Afirmação do consequente
- Negação do antecedente
- Argumento regressivo com universais
- Argumento regressivo com “quase todo”
- Argumento em cadeia com existências

2) Falácia de conteúdo: usam alguma premissa falsa ou muito duvidosa mesmo após reparação.

- Confusão entre objetividade e subjetividade

- Traçar a linha de demarcação
- Confundir as pessoas ou grupo com o argumento
- Apelo à autoridade
- Apelo à opinião comum
- Apelo à prática comum
- Pseudo Refutação
- Falso dilema
- Argumento Derrapante
- Apelo à Piedade
- Apelo ao medo
- Apelo ao despeito
- Chantagem emocional
- Argumento emocional

3) Violação das regras de discurso racional: tentativas de argumentar falhas, são desprovidas de coerência com premissas duvidosas ou não adequadas para discussão em questão.

- Petição de princípio
- Espantalho
- Mudar o ônus da prova
- Relevância
- Afirmações enviesadas
- Recurso ao ridículo

4) Falácias quase lógicas: argumentos comparáveis a raciocínios formais (lógicos ou matemáticos) que pretende com o prestígio do raciocínio alcançar poder de convicção. Não se trata necessariamente de falácia, porém tem argumentos fracos com vocação falaciosa. Irei citá-las e exemplificá-las.

- Argumentos autofágicos: criam ilusão de profundidade. Ex: "Toda regra tem exceção".
- Argumentos por reciprocidade: Envolvem a suposição de que certas situações são simétricas quando essa simetria é discutível. Ex: "Se não é crime consumir drogas, não deveria ser crime vendê-las".
- Argumentos por Transitividade: Envolvem a suposição de que certas relações são transitivas, quando essa simetria é discutível. Ex: "Os amigos dos seus amigos são seus amigos".
- Argumentos por comparação: Assumem uma certa equiparação quase matemática nos termos em questão. Ex: "Quem produz bastante está sempre sujeito a críticas, portanto para não ser criticado é melhor não fazer nada".

As falácias mais perigosas: Segundo Carnielli, há infinitas maneiras de errar ou de enganar e que, a rigor, não faria sentido indicar uma lista das falácias. Porém irei destacar algumas que são bem sucedidas.

- Argumentum ad misericordiam:(apelo à piedade): A falácia é cometida quando alguém apela à piedade para tentar que uma conclusão seja aceita. Ex: "Eu não joguei minha filha pela janela, por favor não me culpem, já estou sofrendo o suficiente pela morte da menina."
- Argumentum ad nauseam: É uma forma frequente de discurso político, consiste em uma constante repetição para se afirmar algo, até que a audiência esteja cansada de ouvir e que convença que de fato seja ou vá acontecer. Ex: "Iremos acabar com a corrupção neste país!"
- Argumentum ad numerum (apelo à quantidade): Consiste em afirmar que, quanto mais pessoas estiverem acreditando numa proposição, o mais provável

é que essa proposição esteja correta. Ex: “Muita gente neste país acredita que a pena de morte deve ser adotada.”

- Argumentum ad antiquitatem (recurso à antiguidade): Consiste em afirmar que algo é melhor ou mais correto, pois é velho ou porque é algo tradicional. Ex: “Acho frescura essa questão de não poder por lei bater nos filhos, pois na minha época eu apanhava dos meus pais pra aprender e hoje eu estou bem com isso.”

- Argumentum ad novitatem: Consiste em afirmar que algo é melhor ou mais correto, pois é novo ou mais recente. Ex: “Facas elétricas são melhores que as atuais pois são mais modernas.”

- Argumentum ad populum (apelo ao povo): tentativa de ganhar aceitação de uma afirmação apelando à fala para um grupo de pessoas ou coletivo. Muitas vezes caracterizada por linguagem emotiva. Ex: “A pornografia deve ser proibida. Trata-se de violência contra as mulheres.”

- Argumentum ad verecundiam (apelo à autoridade): Usa-se uma pessoa que é provida de fama ou admiração para tentar ganhar apoio numa afirmação. Ex: “As Cuecas da marca Lupa são as melhores, pois o Neymar as usa.”

- Argumentum ad ignorantiam (argumento com base na ignorância): Esse argumento inválido ocorre quando se afirma que algo deveria ser verdade pois não foi comprovado ao contrário. Ex: “Não foi comprovado cientificamente que o tratamento precoce para COVID funciona, mas também não foi comprovado que não funciona.”

- Argumentum ad lazarum: Afirma que alguém, por ser pobre, é mais virtuoso do que alguém mais abastado. Ex: “Monges certamente possuem o conhecimento sobre o significado da vida, já que abandonaram as distrações da riqueza.”

- Cortina de fumaça: Essa falácia acontece quando, durante a tentativa de

conclusão de um argumento, a pessoa insere material irrelevante para a questão que está sendo discutida. Isso acontece para desviar a atenção ou chegar a uma conclusão diferente do que primeiramente foi proposta na conversa. Ex: “Você pode alegar que pena de morte é ineficaz, mas o que acontece com as vítimas da criminalidade? Como você se sentiria vendo o homem que matou seu filho vivendo na prisão a suas custas, se alimentando bem e sem trabalhar?”

- Generalização apressada: Ocorre quando se forma uma regra geral examinando apenas poucos casos específicos que não são representativos de todos os casos possíveis. Ex: “Vários padres são pedófilos. Logo, todos os padres são pedófilos em potencial.”

- Holofotes: Esse tipo de falácia ocorre quando alguém assume que o que recebe mais atenção da mídia e da imprensa deve ser o que é mais frequente: Ex: “A violência policial está mais alta do que nunca no Brasil. Nunca tinha visto tantos vídeos assim antes sendo gravados e que são reportados no jornal ou que publicam nas redes sociais .”

- Lei natural ou apelo à natureza: Essa falácia consiste em fazer uma analogia entre uma conclusão particular e alguns aspectos do mundo natural e em seguida afirmar que a conclusão é inevitável, pois no mundo natural é similar. Ex: ‘Quem morreu de COVID é porque tinha que morrer, afinal o vírus tem alta letalidade, naturalmente não há muito o que fazer.’

4.2 A importância do letramento midiático para identificar e combater a desinformação.

Diante do cenário atual, torna-se necessário desenvolver um olhar mais atento e cuidadoso para lidar com todo esse fluxo de informações recebidas, além de algumas estratégias. É importante criar leis para crimes virtuais envolvendo *Fake News*. E é importante também inserir o ensino do letramento midiático na educação básica nas escolas, com direito de acesso para a formação de todos os cidadãos. Torna-se necessário esse ensino para todos, a

partir do momento em que exigem da população a inserção no mundo digital para praticamente tudo na vida: desde a resolução de burocracias bancárias, jurídicas, governamentais, até a necessidade de obter conhecimento para executar funções em computadores, a necessidade de consultar e acessar perfis virtuais, dentre outras.

A Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO) foi a pioneira em incentivar a alfabetização midiática ao redor do mundo. Com isso, se torna necessária a análise da capacidade do pensamento crítico para criar e interagir com produtos de mídia. Compreensão, pensamento crítico, criatividade, consciência intercultural e cidadania são características fundamentais para serem exploradas nessa nova modalidade de ensino e tais temas são totalmente voltados para o campo filosófico. Muitos pesquisadores e estudantes universitários consideram importante conhecer os riscos da Internet e da mídia, seu uso responsável e as possibilidades de acessar e fazer uso da informação de forma pessoal, social e profissional. Assim como Ana Claudia Ferrari, que, pelo Instituto Palavra Aberta, publicou a obra “Guia da Educação Midiática”, em que defende que “O conceito de alfabetização tinha de ser expandido para acompanhar outra expansão: a do universo informacional.” (FERRARI, 2020 P.16)

Esse ensino é da mesma forma também de suma importância para, em conjunto com as ferramentas filosóficas, melhor identificar as ações possíveis para prevenir a proliferação de notícias falsas. É uma via para poder se libertar do condicionamento que o impacto de uma notícia nos causa e transformar informação em conhecimento com mais sabedoria. Contudo, também pode auxiliar na capacitação de pessoas que visam criar conteúdos para prestar respeito por outras culturas e firmar compromisso com a verdade, possibilitando conhecer as ferramentas disponíveis para pesquisa e verificação de fontes, para agir proativamente no caso de notícias falsas, buscando informações de maneira segura.

Tratamos a educação midiática como algo externo à escola, pois, a maioria dos meios onde os alunos pesquisam e buscam conhecimento hoje em dia é nas redes sociais. Então, se torna de grande importância a mobilização

de projetos que valorizem a educação midiática também nas escolas. Preparar alunos para a educação midiática é também dar oportunidades para eles terem experiências positivas nas redes e proporcionar voz às demandas de suas comunidades, tornando-as, assim, um espaço democrático para todos exercerem plenamente a liberdade de expressão. O ensino midiático é algo que faz falta na nossa realidade e deveria ser direito de todos os cidadãos e estudantes do ensino básico. O uso das mídias de forma consciente possibilita aos cidadãos além de desenvolverem o senso crítico, a possibilidade de expressão ética e da responsabilidade na criação de conteúdos.

Para os casos de total falta de responsabilidade e uso de leviandade por usuários da internet e criadores de conteúdo foram criados os cibercrimes. O termo "cibercrime" (ou "*cybercrime*", em inglês) está sendo uma pauta importante já citada até na reunião de um subgrupo do G-8 (grupo composto pelos sete países mais ricos do mundo, mais a Rússia, próximo de meados dos anos 1990. Essa reunião abordava exatamente as maneiras e os métodos utilizados para combater as práticas ilícitas da internet. O termo cibercrime se refere a crimes cibernéticos que envolvem atividades ou práticas ilícitas nas redes, como invasões de sistema, disseminação de vírus, roubo de dados pessoais, falsidade ideológica, acesso a informações confidenciais e tantos outros. Uma dificuldade na identificação dos cibercrimes é a escala de predominância transnacional que dificulta as investigações e a apuração de provas contra o acusado e também a falta de leis aplicáveis a determinadas infrações. Outra característica de difícil identificação também tem relação com o aumento dos computadores pessoais, que permitem que qualquer pessoa no mundo possa realizar práticas criminosas contra indivíduos de qualquer lugar do planeta, sem mesmo precisar sair de casa. Segundo dados divulgados pela Norton, empresa especializada em segurança digital, cerca de 65% dos internautas já foram vítimas de alguma forma de cibercrime. A maior dificuldade para combater esses crimes é a falta de leis e punições eficientes em diversos países na luta contra os hackers. Alguns dos principais crimes cibernéticos são: pornografia infantil, lavagem de dinheiro, ciberterrorismo, ciberativismo, roubo e plágio.

Existem ainda alguns tipos de mensagens que recebemos que podem ser também classificadas como problemáticas, na mesma ordem das *Fake News* e que necessitam ser lidas e analisadas com consciência crítica:

Correntes – As correntes são geralmente mensagens enviadas em redes sociais e aplicativos, como Whatsapp ou facebook, solicitando juntamente ao texto informativo, que o indivíduo que recebeu a mensagem possa repassá-la para os seus amigos. Geralmente, correntes têm informações místicas, políticas, ofertas de emprego, informações sobre suspeitos de supostos crimes, dentre outras.

Sátira - Estilo de informação parecida com modelo jornalístico, porém, contém notícias exageradas e fictícias, alterando a realidade com tom de humor. Um exemplo é o famoso site chamado “Sensacionalista”.

Click bait ou **Caça cliques** - É uma estratégia usada na internet através de manchetes sensacionalistas com imagens chamativas, que atraiam bastante a atenção do internauta para induzi-lo a dar clique com a finalidade de gerar receita e gerar tráfego online para dados de publicidades.

A seguir, esclareço alguns conceitos e deixo algumas dicas auxiliares para a leitura de mídias, sendo que muitas delas também foram citadas ao longo deste trabalho:

1. **Compartilhamento:** É uma forma de dividir uma informação entre poucos amigos, contatos ou redes de seguidores virtuais. Antes de compartilhar uma informação, pesquise se ela é verdadeira.
2. **Estrutura da notícia:** Uma notícia precisa ter uma fonte confiável para o repasse de informações. Muitos links de sites têm nomes parecidos com outros sites de notícias que mais engajam, às vezes só adulterando uma letra ou adicionando um número. Observe a data e hora da notícia, o colunista que escreveu, se tem no fim da página a referência. O indivíduo que busca a veracidade de uma informação não pode se contentar com apenas uma fonte de pesquisa, é necessário pesquisar o tema da informação em sites de busca para fazer uma análise comparativa da mesma informação descrita em outros sites de notícia.

3. *Trends*: É a tendência do momento. Geralmente não há critério para a informação que segue essa linha. Esta é uma ferramenta utilizada nas redes sociais, como o Twitter. Funciona a partir de toda interação feita num único momento por um grande número de usuários que acontece em relação aos conteúdos publicados, gerando o engajamento a esse conteúdo, seja para elogiar, criticar, rejeitar ou ajudar numa causa. Mais uma vez, é preciso pesquisar a veracidade dessas causas.

4. Engajamento: São todas as informações que ficam em destaque, com envolvimento e interesse do maior número de usuários possíveis. Isso tudo para almejar um lugar nos *Trends* das redes sociais.

5. *Tag*: São palavras-chave para relacionar informações semelhantes. São usadas como palavras-chave de determinado tema ou tipo de conteúdo. A *Tag* funciona como um link, em que, ao clicar, o leitor é direcionado a uma lista de postagens e artigos que tenham usado aquela mesma *Tag* também.

6. *Trolls* e *bots*: São indivíduos, em geral, contratados e que atuam em multiplataformas da internet para dar a impressão de maior engajamento de determinado conteúdo e dar maior visibilidade a determinados temas. *Bots*, por sua vez, são sistemas automatizados, criados por meio de algoritmos que disseminam maciçamente informações, inclusive as *Fake News*.

7. Cancelamento: É uma forma de rejeição feita por grande parte da comunidade de perfis de pessoas a uma figura pública ou alguém de visibilidade alta, que tenha tido um comportamento ruim ou altamente julgável. Geralmente, o motivo do ocorrido é associado aos *Trends*.

8. *Feed* de notícias: Publicações impulsionadas ou de alcance orgânico.

9. *Cookie*: Um sistema de armazenamentos de dados de informação de navegação.

10. *Hype*: Uma estratégia para enfatizar e promover algo, alguém, ou uma ideia. Seria um assunto especulado.

11. *FY*: É a abreviação da frase “para você”, traduzida para o português de “*For you*”. É um termo que descreve uma função das redes sociais. Quando uma pessoa quer explorar os conteúdos de determinada rede social, a própria rede indica conteúdos recomendados “para você” de acordo com os dados que coleta de informações que mostram os conteúdos de interesses de cada pessoa, individualmente.

12. *Exposed*: Significa exposição. São relatos expostos na internet para crimes, geralmente, para denunciar pessoas públicas, mas também podem ocorrer com pessoas comuns. O *Exposed* pode ajudar a gerar o cancelamento.

13. *Interação*: A interação pode ocorrer quando se faz a marcação de uma *tag*, ou quando se reage a um *post* ou comentário, quando há ferramentas para reagir ou fazer um compartilhamento. Geralmente ocorre nas redes sociais e em alguns blogs.

14. *Copyright*: É uma lei de proteção a materiais autorais como músicas, vídeos, áudios, transmissões televisivas ou, de outra maneira, teses científicas, pinturas, esculturas, desenhos, poemas, livros de ficção e não-ficção, fotografias, *design* gráfico, *web design* e danças. Podem ser protegidos e são úteis para criadores de conteúdos artísticos, científicos e intelectuais em geral, que produzem algo único e querem patentear a obra, permitindo a distribuição do que criam, da maneira que julgarem melhor. O *copyright* estimula a produção de conteúdo útil, independentemente do seu formato, sem danos aos demais apreciadores. A lei de direitos autorais protege por 50 a 100 anos após a morte do criador, desde que a autenticidade do conteúdo tenha sido provada.

15. *Reviews*: São avaliações online que funcionam na publicidade de produtos, atraindo organicamente novos consumidores que estão pesquisando na

internet antes de tomarem a decisão de compra, a partir da avaliação de outros usuários.

16. *Stalk*: Se trata de uma forma de perseguição que passa do aceitável e normal (stalking nas redes sociais), e será considerado crime no artigo penal, art. 147-A, CPB. Perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade.

17. *Haters*: Significa ‘odiadores’, termo usado para designar pessoas que cometem ataques e criticam outras, geralmente por meio de fóruns e redes sociais, postando comentários maldosos ou expondo situações comprometedoras. Os *Haters* não precisam de motivos suficientes para agir de forma a desvalorizar o trabalho ou a vida do indivíduo que ele “odeia”, podendo ser considerada, em grande parte dos casos, ações como *cyber bullying* ou assédio. Diferente dos *Trolls* da Internet, que fazem brincadeiras e provocações com qualquer pessoa, os *Haters* costumam ter como alvo celebridades e figuras públicas.

18. *Feed* : O *Feed* é um local de interação nas redes, onde há um fluxo de um extenso e variado conteúdo em blocos que permite a rolagem. Pode variar entre conteúdo editorial (como uma lista de artigos ou notícias) ou fichas (uma lista de produtos ou serviços, entre outros). Dependendo do dispositivo, o *layout* do feed também varia. Alguns exemplos de *Feeds* incluem: o *Feed* principal da página inicial (*feed* de notícias); o *Feed* principal em uma página de resultados de pesquisa de produtos ou serviços; entre outros.

19. Bolhas informacionais: Seria uma via construída pelos algoritmos de acordo com o que estamos acostumados a fazer em pesquisas na internet. São ambientes virtuais onde as pessoas são expostas pelas informações e opiniões, que confirmam aquilo em que já acreditavam.

20. *Microtargeting*: Trata-se de uma estratégia de marketing digital que realiza

customizações de mensagens de marketing, prezando pela qualidade da estratégia para atingir um público-alvo com produtos de sua preferência. Para que o microtargeting ocorra na prática, são necessárias coletas de dados do público-alvo. Com isso, as empresas passam a conhecer claramente seus consumidores.

21. *Pushed*: Com significado de “Empurrão”, se trata de uma estratégia de marketing digital. Seria uma mensagem que tem como objetivo induzir o usuário das redes a voltar a acessar sites ou aplicativos anteriormente visitados, com notícias de novidades na plataforma. Sendo assim, essa é a forma mais eficiente de comunicação entre os aplicativos e usuários.

22. *Crackers e Hackers*: *Crackers* conhecidos também como “Pirata Virtual”, são pessoas que têm grande conhecimento em informática e que usam esse conhecimento na área com fins criminosos para quebrar códigos de segurança, senhas de acesso a redes e códigos de programas. *Hackers e Crackers* se diferenciam no propósito: *Hackers* visam tornar a informática acessível a todos e apenas apontar possíveis falhas de um sistema; *crackers* invadem computadores e quebram sistemas de segurança, procurando lucrar o máximo possível com a ação.

Analisando todos os sentidos dos termos expostos acima, muitos deles parecem representar caminhos para ações perigosas de manipulação dos filtros de conteúdo e de impulsionamento de notícia duvidosas, promovendo, assim, o destaque de informações que podem gerar muita confusão para a busca da verdade sobre algo que se quer encontrar, seja no âmbito político, de grupos sociais, na busca de produtos, etc. Desfazer uma *Fake News* é um trabalho muito demorado, porém, a forma como ela se dissemina para todos é quase instantânea.

Ao se deparar com uma notícia, questione a veracidade dela. O ideal é observar os argumentos que a compõem e tentar reconhecer alguma espécie de falácia argumentativa. E é imprescindível, antes de informar a notícia a outras pessoas, investigar detalhes da mesma para não se deixar levar por um título tendencioso e cair em *Fake News*. Cheque:

1. A fonte da informação e a característica do link.
2. A data da notícia pode comprometer a validade do ocorrido dentro do tempo em que a notícia é lida.
3. Conferido se o link é mesmo confiável para clicar, abra a notícia e leia-a toda.
4. Na dúvida aguarde e não repasse a informação.
5. Manter o antivírus e o firewall sempre atualizados, além de outras ferramentas de segurança do computador e celular, bem como o próprio sistema operacional, também é de suma importância para evitar ser vítima desses ataques cibernéticos, caso ocorra a tentativa de invasão por meio de links de sites fraudulentos.

Outro fator de extrema importância é a educação que visa a preservação da saúde mental diante da infotoxicação ou infodemia, que pode ser considerada uma espécie de epidemia ou intoxicação de informações, que podem gerar transtornos mentais como ansiedade e depressão e outros sintomas como fadiga, sensação de incapacidade e de sobrecarga emocional. Além de atitudes reflexivas e educacionais sobre o uso excessivo dos aparelhos, atitudes auto disciplinares também podem ser uma opção para melhorar a qualidade de vida perante a informatização. Como, por exemplo:

- Controlar o tempo de acesso nas redes de forma organizada.
- Desative notificações, *pushes* ou alerta de aplicativos, para não desviar o foco no momento em que estiver em uma tarefa. Ativação do modo "não perturbe" é uma alternativa.
- Tenha foco numa tarefa só de cada vez, evite mudar muitas vezes de aplicativo enquanto usa o celular.
- Não dormir com o celular próximo e, se possível, evitar o uso pelo menos 1 hora antes de dormir.
- Permita-se ser improdutivo, pois não há nada de errado em às vezes nos permitimos a entrega de um tempo ocioso.

5. Considerações finais.

Humanos são, por natureza, seres com capacidades de raciocínio crítico sobre si e o mundo, com potencialidades criadoras e investigadoras de ideias concretas e abstratas. Temos como exemplos disso os avanços conquistados pela criação humana a partir da Filosofia, desde os tempos da antiguidade até agora, com essa nova era dos usos das tecnologias para o melhor desempenho das formas de comunicação, pesquisa e criação, que poderia ser um fator fundamental para a democratização do acesso ao conhecimento das sociedades. As antigas *ágoras*, são, hoje em dia, os fóruns, blogs e redes sociais na internet. Mas o que fazer quando essa capacidade de criar e conhecer por meio do universo virtual fere os tratos sociais do compromisso com a verdade, justiça e honestidade, para um benefício próprio, gerando assim em contrapartida prejuízo ao processo informativo de uma sociedade? Como lidar com o disparo de falácias, manipulações de crenças e das relações até mesmo do excesso de informação, excedendo os limites da capacidade humana de acompanhar o fluxo informacional, comprometendo a saúde mental das pessoas? É preciso rever a nossa responsabilidade ética e moral de uso das redes.

A importância de rever isso se dá pelo fato de que, hoje em dia, em grande parte do nosso cotidiano vivemos conectados nas redes. Sabendo que parte da formação dos indivíduos inicia-se na escola e passa pela tradicional alfabetização e letramento nos anos iniciais escolares para nos preparar para uma vivência de comunicação e identificação com o mundo, precisamos assim formar indivíduos com capacidades para lidar com esses novos tempos. A alfabetização e letramento midiáticos se tornam também essenciais para a formação de cidadãos comunicadores, consumidores e criadores de conteúdos inseridos no universo virtual. E é imprescindível que a educação midiática use das ferramentas filosóficas para treinar nosso senso crítico e a identificação de conteúdos úteis ou convenientes para nós. Entendendo assim a melhor forma de uso dos dispositivos de acesso, validando argumentos recebidos nas redes para não se deixar cair em manipulações midiáticas como a *Fake News*, podemos usar da melhor forma o senso ético e responsável sobre a criação e

compartilhamento de conteúdos. A criação das leis de cibercrimes está trazendo uma forma de reprimir atitudes online sobre o que não podemos fazer, mas não aprendemos ainda qual a melhor forma de não sermos responsáveis por esses crimes.

Sendo assim, a educação escolar é um elemento importante para a troca de conhecimentos, para a democratização do acesso à internet, do ensino da Filosofia e da educação midiática. Trocar ideias no espaço escolar também é sair do seu próprio limite de possibilidades de pensar sobre os mais diversos temas e ampliá-lo. Trocar é ouvir o que o outro também tem a dizer sobre como ele entendeu determinado assunto e, assim, melhorar seu desempenho na atitude filosófica. A importância do papel da filosofia na formação dos jovens na educação básica, juntamente com o letramento midiático, estabelece a soberania do pensamento crítico em busca da verdade e do bem comum como um dos papéis fundamentais para a formação cidadã. Filosofia não é ideologia, e sim a possibilidade de reflexão e transgressão de afirmações ou imposições. Ela não vai induzir indivíduos para mudar valores e crenças pessoais apenas conforme determinada ideia diametralmente oposta, pois a Filosofia se importa em preparar indivíduos para interagirem da melhor forma com os conteúdos informacionais disponíveis, estimulando reflexões críticas a seu respeito, que possibilitem entendê-los, aceita-los ou melhora-los de forma consciente ou rejeita-los igualmente. Daí a sua importância inegável, que atravessa séculos e daí também a ameaça que ela representa para o controle e a alienação. O papel da Filosofia na educação hoje em dia resiste ao questionamento social que ela mesma faz a si e sobre toda a importância e razão de sua existência diante da sociedade. E são questões políticas e sociais como a *Fake News* que demonstram como sua atuação obtém e também gera ferramentas de extrema importância para o equilíbrio da busca da verdade e do conhecimento humano.

6. Referências Bibliográficas:

CAJÚ, Léo Dimmy. **As Fake News e o panoptismo e Michel Foucault**. Artigo do congresso internacional de ciberjornalismo da UFMS, 2017.

CARNIELI, Walter e EPSTEIN, Richard L. **Pensamento Crítico. O Poder da Lógica e da Argumentação**. Editora: Ridell, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação a Filosofia**. Editora Ática, 2012.

COPI, Irving M. **Introdução à Lógica**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

DIVERSOS AUTORES. **Perspectiva Filosófica, Filosofia da Lógica**. Revista do Departamento de Filosofia da UFPE. vol. 47, n. 2, 2020.

FERRARI, Ana Claudia. **Guia da Educação midiática**. Educamídia - Instituto palavra aberta. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora vozes 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Editora vozes, 2012.

HAYDT, Regina. **Curso de Didática geral**. Editora Ática, 2010.

LIPMAN, Matthew. **Filosofia na sala de aula**. Editora Novalexandria, 2001.

OURIQUES, Evandro Vieira. **Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional**. Grupo de estudos do Núcleo de teoria psicopolítica e terapia filosófica da escola de comunicação UFRJ, 2020.

SANCHEZ, Liliane. A Formação ética como auto formação: As contribuições da Filosofia para a educação. In: GONÇALVES, Felipe Pinto et all. **Café: Formação e auto formação em filosofia e outros cafés**. RJ: PUBLIT, 2018. (Coleção Chás para a filosofia, v. 6).

SILVA, Lahiri Trajano Almeida, OLIVEIRA, Jadson Correia. **Pós-verdade e política: Um estudo do fenômeno *Fake News* no campo do discurso político sob a dialética da teoria tridimensional de Miguel Reale e os crimes contra a honra.** Revista RJLB, Ano 6 (2020), nº 4.

Referências da rede mundial de computadores - WWW

ANSORENA, Tomás Rodríguez. **DeepFake, arma radical contra a democracia** . Publicado em 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/deepfake-arma-radical-contra-a-democracia/> Acessado em 03/12/2021.

BARBIERI, Maria. **Peste Emocional, uma biopatia de expressão social.** 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/05/25/peste-emocional-uma-biopatia-de-expressao-social> Acessado em 01/12/2021.

BORGES, Anselmo. **O trabalho e o ócio**, 2010. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/o-trabalho-e-o-ocio-1635926.html> Acessado em 08/12/2021.

CAO, Jéssyka Sarcinelli et al. **Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional.** In: Revista Scientiarum Historia, 2020, v1:e 282, Publicado: 04/05/2021. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/282/217>. Acessado em: 01/12/2021.

FACHIN, Patricia. **O panoptismo de estar conectado constantemente as redes sociais.** 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/571405-o-panoptismo-de-estar-constantemente-conectado->

[as-redes-sociais-entrevista-especial-com-olaya-fernandez-guerrero](#) Acessado em 08/11/2021.

FERRARI, Márcio. **Jean Piaget, o Biologo que colocou a aprendizagem no microscópio.** 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1709/jean-piaget-o-biologo-que-colocou-a-aprendizagem-no-microscopio> Acessado em 08/11/2021.

GANEM, Pedro. **Especialistas em crimes cibernéticos explicam o crime de stalking.** 2021. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/especialista-em-crimes-ciberneticos-explica-o-crime-de-stalking/> Acessado em 08/12/2021.

INCOTT, Paulo. **Panoptismo, reflexões atuais sobre a vigilância e controle,** publicado em 2017. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/505281987/panoptismo-reflexoes-atuais-sobre-vigilancia-e-controle> Acessado em 01/12/2021.

KHALIL, Isabela. **Qual o poder do whatsApp, quem são e o que acreditam os eleitores do Bolsonaro.** Publicado em 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/23/qual-o-poder-do-whatsapp-quem-sao-e-no-que-acreditam-os-eleitores-de-bolsonaro/> Acessado em 08/12/2021.

MOTA, Maria Sebastiana Gomes. Francisca Elisa de Lima. PEREIRA, **Processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf Acessado em 02/12/2021.

PINTO, Danielle Jacon Ayres, MORAES, Isabela. **As mídias digitais como ferramenta de manipulação de processos eleitorais democráticos.** 2020

Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/48686>> Acessado em 08/12/2021.

PORTELLA, Ernesto. **Segurança da informação e o combate dos cibercrimes**. 2021. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/89615/seguranca-da-informacao-no-combate-aos-cibercrimes>> Acessado em 02/11/2021.

PORTELLA, Ernesto. **Ensino de filosofia no ensino fundamental, a quem interessa?** 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/69491/ensino-de-filosofia-no-ensino-fundamental-e-medio-a-quem-interessa>> Acessado em 23/11/2021.

PROGRAMA E CIDADANIA. **Ementa: Pela obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio**. Último estado, 2019. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/133913>> Acessado em 08/12/2021.

SEMIS, Laís. **Guia de letramento midiático o que e como aplicar e identificar desinformação**. Publicado em NOVA ESCOLA 15 de Agosto de 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/12307/guia-de-letramento-midiatico-o-que-e-como-aplicar-e-identificar-desinformacao>> Acessado em 08/12/2021.

WILKE, Valéria Cristina. **Pós verdade, Fake News e outras drogas, vivendo em tempos de informação tóxica**. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5427/4997>> Acessado em 04/12/2021.

